

ALEXANDRE ESPÍRITO SANTO

Economista da Simplific Pavarini
e professor do IBMEC-RJ



Econo Muia - Brazil

Divã e calmante, para o governo e o mercado

Poucas vezes, nos meus 26 anos de profissão, vivenciei um início de ano com projeções econômicas tão pessimistas. A presidente Dilma, no seu pronunciamento de fim de ano, já havia alertado para essa situação de descrença dos economistas, ao que sugeriu ser um ataque psicológico. Não deve ter ouvido seu próprio ministro, que afirmara que a economia está como um lame duck (manca). O fato — que me perdoe a presidente — é que o quadro macroeconômico não permite devaneios. E — me perdoe outra vez — criticar seus críticos não é a saída que nos fará ter um desempenho alvissareiro.

Tudo o que acontece no país hoje é fruto de políticas descoordenadas, que agora cobram seu preço. Há uma certa entropia no governo Dilma e as consequências dos desajustes criaram um grave problema fiscal. Conseguimos, é verdade, um alento, no final de 2013, graças às receitas não recorrentes, como as do leilão de Libra e Refis. Todavia, cortar gastos — que seria o ideal para acalmar os “nervosinhos” — não parece ser uma opção crível, sobretudo em se tratando de um ano eleitoral. Mas as dores de cabeça não param por aqui. Há, também, a questão da inflação. Parece que administraram os índices e não a inflação. Por quê?

Com inflação fora de esquadro, a confiança do consumidor tende a piorar. Dessa forma, deverão se retrair, após vários anos de pujança consumista

O IPCA de 2013, recém divulgado, fechou em 5,8%, acima do número de 2012, mas ainda dentro do intervalo da meta. Porém, uma análise rápida dos números mostra pontos interessantes, que gostaria de enfatizar: 1) No governo PT (Lula + Dilma), o IPCA tem média de 5,87% — portanto longe do centro da meta de 4,5% —, com desvio-padrão de 1,65%; 2) Somente analisado o governo Dilma, a média é 6,08% — mais distante ainda; 3) O núcleo do índice — desconsidera combustíveis e 10 itens de alimentação — está em torno de 6% e 4) Os preços administrados pelo governo estão pouco acima de 1%, enquan-

to os livres rodam perto de 8%.

Tais constatações sugerem que a probabilidade de vermos uma inflação coerente com o sistema de metas — onde o centro é o importante —, é praticamente nula nesse ano e em 2015. Isso só ocorreria, como muitos economistas sugerem, com juros próximos a 14% aa, o que, certamente, não ocorrerá.

Com inflação fora de esquadro, a confiança do consumidor tende a piorar. Dessa forma, deverão se retrair, após vários anos de pujança consumista. Ademais, com inflação em alta, há uma perda de eficiência na economia como um todo, o que reduz investimentos e prejudica o setor exportador. Para agravar o quadro, com as contas externas ruins, há uma tendência da taxa de câmbio se desvalorizar, o que mexe com a perspectiva inflacionária.

Os leitores, que me acompanham aqui nesse espaço, devem se lembrar que em todos meus artigos de 2013 enfatizei que o cenário macroeconômico local estava se deteriorando. Não sei de onde se tirariam “coelhos da cartola” para termos um 2014 auspicioso. Todavia, não enxergo o caos, como alguns economistas apregoam. A economia global deve apresentar uma performance melhor, o que nos ajudará. Assim, o que teremos, provavelmente, é um PIB em torno de 2,5%, inflação ao redor de 6% — com Selic de 10,5% ou 10,75% — e uma taxa de câmbio média de 2,50, que melhorará gradativamente as contas externas.

Se meu cenário prevalecer, convenhamos que será difícil ficar “calminho”, como quer o governo, mas também não ocorreria a depressão, que parte do mercado sugere. Divã para todos!